Não Me Prometa Silêncio

A harmonia não exige que um de nós se cale



Laura Bellini

Não Me Prometa Silêncio

A harmonia não exige que um de nós se cale

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904404

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As Condições do Som 10
Capítulo 2 - As Regras da Proximidade..... 20
Capítulo 3 - Aquilo que Não se Ouve 33
Capítulo 4 - Fora da Partitura 44
Capítulo 5 - O Direito ao Próprio Ritmo 58
Capítulo 6 - O Som Entre Nós..... 68
Capítulo 7 - Entre o que Foi Dito..... 80
Capítulo 8 - No Meu Mundo 90
Capítulo 9 - O Risco de Soar em Harmonia 103
Capítulo 10 - Não Apenas Entre as Notas..... 114
Capítulo 11 - Uma Manhã sem Promessas.....124
Capítulo 12 - Os Resultados que Não Constavam no Relatório.....135
Capítulo 13 - O Preço de uma Decisão 147
Capítulo 14 - Aquilo que Temos Medo de Perder.....158
Capítulo 15 - Tudo o que Você Não Disse.....168
Capítulo 16 - O Limite do Qual Não Vou Abrir Mão..... 181
Capítulo 17 - Quando Só Resta a Verdade..... 191
Capítulo 18 - O Primeiro Passo sem Garantias 200
Capítulo 19 - A Harmonia Exige Coragem 213
Capítulo 20 - Não Me Prometa Silêncio 223

INTRO

Em uma sala de concertos, era mais fácil ouvir aquilo que não deveria estar ali.

Naquela manhã, era um estalo seco vindo do lado direito do palco, que retornava depois de cada palma com um atraso tão pequeno que a maioria das pessoas o confundiria com parte do próprio som. Eu o ouvia com clareza. Estava no meio da plateia vazia, com uma pasta debaixo do braço e um lápis entre os dedos, tentando me convencer de que aquilo era apenas um eco deixado pela equipe que havia retirado as cadeiras antigas no dia anterior. Na verdade, eu sabia que aquele estalo poderia destruir toda a ideia em que vinha trabalhando havia três semanas.

Na planta aberta sobre a primeira fileira de poltronas, eu havia marcado a nova disposição do conjunto musical: o piano mais próximo do centro, as cordas formando um semicírculo suave e os instrumentos de sopro um pouco mais ao fundo, para que não encobrissem a frase da solista. Eu não queria reconstruir o palco do zero nem transformar aquela sala em um espaço moderno e impessoal. Seu caráter estava na madeira, nas proporções e naquela maneira particular como o som retornava às pessoas antes mesmo de desaparecer. A reforma deveria salvá-la, não apagar sua identidade.

Eu tinha quarenta anos e experiência suficiente para saber que a palavra "visão" muitas vezes servia como um nome elegante para a teimosia de alguém. Ainda assim, não pretendia entregar meu projeto simplesmente porque uma pessoa de capacete o consideraria inconveniente. Eu havia sido convidada para desenvolver o conceito musical da

reabertura da sala. Não para aparecer no final, contemplar as paredes prontas e adaptar a elas um repertório que não colocasse ninguém diante de qualquer risco.

Coloquei o lápis atrás da orelha e subi ao palco. Do lugar onde o violoncelo deveria ficar, bati palmas uma vez, depois outra. O som retornou de maneira irregular. Desloquei a cadeira meio metro, repeti o teste e percebi a diferença. Era exatamente por isso que precisava ter acesso à sala antes do início da próxima etapa da obra. No papel, tudo podia ser deslocado sem consequências. Na realidade, um único elemento mal posicionado era capaz de tirar o fôlego da música.

— Se pretende mudar os equipamentos de lugar, peço que avise primeiro a equipe.

A voz veio da entrada da plateia. Virei-me depressa demais, e o lápis caiu sobre o assoalho. Um homem estava parado no corredor entre as fileiras, sem capacete, usando um casaco escuro e segurando um rolo de desenhos debaixo do braço. Não parecia alguém que tivesse vindo admirar o andamento da reforma. Tinha o rosto tranquilo e o olhar atento de quem estava acostumado a verificar se as coisas correspondiam ao que havia sido prometido no papel.

— Não estou mudando os equipamentos. Estou verificando a disposição — respondi.

— A cadeira faz parte dos equipamentos.

— E o palco não é um museu.

Um dos cantos de sua boca se moveu, mas ele não chegou a chamar aquilo de sorriso. Aproximou-se alguns passos e parou junto à primeira fileira. Não subiu ao palco sem ser convidado. Percebi aquele pequeno detalhe,

embora não quisesse admitir que ele tivesse alguma importância.

— Kazimierz Las — apresentou-se. — Sou responsável pela acústica do projeto.

— Ludwika Gaj. Sou responsável por garantir que, depois da reforma, as pessoas ainda tenham motivos para vir até aqui.

— É uma responsabilidade bastante ambiciosa.

— A sua também parece ser bem abrangente.

Dessa vez, ele sorriu de verdade, brevemente, sem tentar me desarmar com simpatia. Havia algo nele que dificultava qualquer classificação apressada: não se apressava para responder, mas também não fingia não ter percebido uma provocação. Em vez de olhar para mim, voltou a atenção para a planta sobre a poltrona.

— Pretende colocar as cordas mais perto da parede lateral?

— Algumas dezenas de centímetros. Assim, a solista não precisará disputar espaço com o piano.

— E o som refletido nessa superfície retornará até ela com atraso.

— É justamente por isso que quero testar.

— Não disse que não podemos testar. Disse que não podemos presumir o resultado.

Não gostei de perceber que ele tinha razão naquele ponto específico. Gostei ainda menos da maneira como expressou sua opinião: sem arrogância, sem aquele tom teatral de quem acredita estar dando uma lição. Ele não me oferecia nenhum motivo confortável para simplesmente ignorá-lo.

— Você tem medições? — perguntei.

Por alguns instantes, ele observou o palco, como se estivesse avaliando não apenas suas dimensões, mas também tudo aquilo que ainda poderia ser preservado. Então abriu um dos desenhos. Vi o corte transversal da sala, as marcações dos painéis e algumas anotações feitas a lápis vermelho. Um dos números estava circulado, mas a folha deslizou para baixo de sua mão antes que eu conseguisse ler a descrição.

— Tenho dados preliminares — respondeu. — Ainda preciso fazer mais uma medição em condições próximas das definitivas.

— Quando?

— Quando a sala estiver pronta para os testes.

— Pode ser tarde demais para mudar a disposição.

— E a sua proposta pode sair cara demais se descobrirmos que ela exige alterações na parede.

Não havia ameaça em sua voz. Havia apenas um limite que ele não pretendia ultrapassar para facilitar meu trabalho. Senti irritação, mas, por baixo dela, surgiu algo muito menos prático: curiosidade. Ele não estava tentando vencer aquela conversa. Queria que eu enxergasse o problema antes de chamá-lo de obstáculo.

— Não estou pedindo uma aprovação às cegas — disse. — Estou pedindo a oportunidade de testar uma solução antes que alguém a descarte.

— Nesse caso, precisamos definir exatamente o que vamos testar.

— Nós?

— Se sou responsável pela acústica e você pela música, alguém precisa garantir que não estejamos trabalhando em duas salas diferentes.

Aquela frase fazia mais sentido do que eu gostaria. Olhei para a planta e depois para ele. Notei uma pequena marca de poeira no punho de sua camisa e um cansaço que ele não tentava esconder com pressa ou autoconfiança profissional. Eu ainda não sabia se era alguém com quem conseguiria chegar a um entendimento, mas, pela primeira vez naquela manhã, pensei que talvez valesse a pena tentar.

— Tenho um ensaio com o quarteto na sexta-feira — falei. — Se não definirmos a disposição até lá, vou perder a data e os músicos.

— Tenho uma equipe que vai fechar o acesso à parte lateral do palco na segunda-feira. Se eu prometer agora algo que o edifício não puder sustentar, perderemos muito mais do que uma data.

Não respondi imediatamente. A luz pálida entrava pelas janelas altas, revelando a poeira suspensa sobre as fileiras de poltronas. A sala parecia um lugar suspenso entre aquilo que havia sido e aquilo que alguém desejava que se tornasse. Eu tinha meu próprio projeto, pessoas esperando por uma decisão e pouco tempo para permitir que a cautela de outra pessoa se transformasse em imobilidade. Ele tinha medições que ainda não queria mostrar por completo e uma responsabilidade que não pretendia transferir para mim.

Recolhi as folhas da poltrona. Uma delas, aquela em que havia desenhado o semicírculo das cordas, estava grudada à superfície de madeira por causa da umidade. Kazimierz estendeu a mão, mas parou no meio do movimento, esperando que eu decidisse se queria sua ajuda. Entreguei-

lhe uma das pontas da planta. Ele a segurou com cuidado, sem tocar meus dedos.

— Amanhã, às oito? — perguntou. — Faremos testes com algumas disposições diferentes. Sem prometer que alguma delas será aprovada.

— Às oito tenho uma reunião com o maestro.

— Às nove?

— Às nove posso estar aqui.

— Combinado.

Ele enrolou os desenhos e seguiu em direção à saída lateral. Não olhou para trás, e eu não o chamei para perguntar sobre o número circulado. Ainda não.

Fiquei no palco, segurando uma planta que já não era exclusivamente minha, acompanhada por uma sensação incômoda de que a parte mais difícil daquela reforma não seria convencer o edifício a soar diferente.

Talvez o mais difícil fosse descobrir quanta verdade conseguiríamos dizer um ao outro antes que cada um de nós começasse a defender sua própria versão do silêncio.

Capítulo 1 - As Condições do Som

Na manhã seguinte, cheguei à sala de concertos alguns minutos antes das nove. A reunião com o maestro havia terminado mais tarde do que eu esperava, mas ainda conseguira revisar minhas anotações e fazer duas correções na planta. Não queria começar nossa conversa tendo que me justificar por causa dos meus horários. Já tinha argumentos suficientes para não precisar de desculpas adicionais.

Kazimierz estava me esperando no palco. Dessa vez, usava um suéter escuro e uma camisa com as mangas dobradas até os cotovelos. Ao lado dele havia dois tripés de medição, um pequeno alto-falante e uma maleta com equipamentos cujo propósito eu não pretendia adivinhar. Sobre uma das poltronas estava seu rolo de desenhos, preso por um esquadro metálico.

— Pontualidade não é exatamente seu ponto forte? — perguntou quando entrei.

Olhei para o relógio.

— São oito e cinquenta e oito.

— Foi justamente por isso que fiz o comentário.

— E foi justamente por isso que ainda nem comecei a me defender.

Ele sorriu discretamente e apontou para o palco.

— Preparei três possibilidades de medição. Gostaria que começássemos com a disposição que você propôs, mas sem deslocar nada de maneira definitiva.

— Não estava planejando parafusar as cadeiras no chão.

— Ótimo. Então já temos nosso primeiro acordo.

Coloquei a pasta na extremidade do palco e retirei a planta. Na noite anterior, havia aperfeiçoado a disposição, levando em consideração as observações que Kazimierz conseguira fazer. Não alterara o conceito principal. Apenas deslocara o piano alguns centímetros, mantendo a posição das cordas exatamente como considerava mais favorável para o conjunto.

Kazimierz inclinou-se sobre o desenho. Não fez nenhum comentário imediato. Apenas o comparou com seu próprio corte transversal da sala. Havia algo em sua maneira de trabalhar que ao mesmo tempo me irritava e despertava meu interesse. Ele não tratava o papel como uma prova definitiva. Examinava cada linha como se ela ainda precisasse justificar sua existência.

— Por que o piano aqui? — perguntou.

— Porque a solista terá um contato visual melhor com o maestro. Na disposição atual, precisa virar a cabeça para enxergar os movimentos das mãos dele. Durante frases mais longas, isso atrapalha.

— E se o deslocarmos para o outro lado?

— Perderemos espaço para o violoncelo.

— Podemos alterar o ângulo de posicionamento.

— Também podemos colocar o violoncelo na sacada, mas duvido que o músico fique muito satisfeito.

Kazimierz afastou-se da planta e olhou para mim com uma expressão divertida.

— Você sempre negocia assim?

— Só quando alguém propõe soluções que ficam bonitas no desenho.

— Nesse caso, temos um problema em comum.

Não respondi. Caminhei até o piano, que estava temporariamente encostado na parede lateral. O instrumento ainda não estava preparado para ser tocado, mas bastaram algumas notas para perceber como o espaço reagia à sua presença. Pressionei delicadamente algumas teclas, primeiro no registro médio e depois nas notas mais graves. O som se espalhava amplamente, mas, no último acorde, surgiu uma sobreposição desagradável. Não era um problema que pudesse ser resolvido apenas mudando a posição do instrumento.

— Está ouvindo? — perguntei.

— Sim.

— É exatamente isso que quero reduzir.

— Não apenas com o posicionamento dos instrumentos.

— Eu sei. É por isso que estamos aqui.

Por alguns instantes, ficamos nos olhando por cima da tampa aberta do piano. Não havia nada naquele olhar que eu pudesse chamar de hostilidade. Era mais a cautela de duas pessoas acostumadas a tomar decisões com base em critérios diferentes. Eu começava pelo que deveria ser ouvido por alguém sentado na última fileira. Kazimierz começava pelo que o edifício era capaz de devolver sem comprometer sua própria estabilidade.

— Por favor, fique no meio da plateia — disse ele. — Vou ativar um sinal de teste. Gostaria que descrevesse as diferenças entre as três disposições.

— Um sinal de teste não é música.

— Não. Mas nos permitirá distinguir um problema do ambiente de um problema relacionado a uma execução específica.

Desci do palco e ocupei um lugar na sétima fileira. Kazimierz ligou o equipamento. Do alto-falante saiu um breve impulso sonoro, seguido por uma sequência de tons em diferentes frequências. Não se parecia com nenhuma composição que eu gostaria de ouvir algum dia, mas permitia identificar as diferenças na reflexão do som. Na primeira disposição, o resultado era uniforme, embora um pouco seco demais. Na segunda, havia uma reflexão claramente mais acentuada do lado direito. A terceira oferecia maior sensação de espaço, mas comprometia a precisão.

— A segunda está descartada — disse.

— Por quê?

— Porque, nessa configuração, os sons vão se sobrepor. Nas passagens mais rápidas, as cordas perderão definição.

— E a terceira?

— Melhor para o coral, pior para um conjunto de câmara.

— E a primeira?

— É a mais segura, mas não fui convidada para este projeto para escolher a solução mais segura.

Kazimierz desligou o equipamento.

— Essa frase pode nos trazer alguns problemas.

— Nesse caso, ainda bem que a disse agora, e não durante a reunião com o investidor.

Durante a meia hora seguinte, verificamos outros pontos. Kazimierz reposicionava o microfone, alterava o nível do

sinal e anotava os resultados. Eu caminhava entre as fileiras, sentava em diferentes lugares, comparava as reflexões e marcava na planta as áreas em que as diferenças eram mais perceptíveis. Nem sempre concordávamos em nossas avaliações. Às vezes, tinha a impressão de que ele confiava demais nos números. Em outras ocasiões, precisava admitir que minha primeira impressão não havia sido completa.

Em determinado momento, pediu que eu me sentasse na última fileira.

— Aqui será pior — disse.

— Por quê?

— Por causa da geometria da parede dos fundos. Parte da energia sonora retorna de uma maneira que não conseguiremos corrigir apenas mudando a disposição do palco.

— E se alterarmos os materiais?

— Então precisamos verificar o que pode ser feito sem interferir nos elementos cuja estrutura não pode ser modificada.

— Ou seja, nem tudo está decidido.

— Eu não disse que estava.

Levantei-me e me aproximei da parede. A alguns metros de altura, havia um fragmento da antiga decoração, parcialmente escondido pelo andaime. Os painéis de madeira tinham tonalidades diferentes. Alguns pareciam ter sido substituídos, enquanto outros ainda conservavam as marcas de muitos anos de uso.

— Gostaria que isso fosse preservado — falei.

— Do jeito que está?

— Se for possível.

— Essa não é uma resposta técnica.

— Nem tudo o que é importante em uma sala de concertos pode ser descrito tecnicamente.

Ele parou ao meu lado, mas manteve uma distância respeitosa. Olhou para a parede e depois para o fragmento da decoração.

— Não pretendo remover alguma coisa só porque é antiga — disse. — Mas, se esse elemento afetar a segurança ou provocar reflexões descontroladas, não posso fingir que não estou vendo.

— E se existir uma maneira de preservá-lo?

— Nesse caso, serei o primeiro a propor essa solução.

Virei a cabeça em sua direção. Sua resposta foi tranquila, sem qualquer pose profissional. Surpreendeu-me que ele não tentasse me convencer de que estava certo recorrendo a regulamentos ou normas técnicas. Em vez disso, estabeleceu um limite e deixou espaço para procurarmos uma solução.

— Certo — disse. — Então não vou presumir que seu objetivo seja transformar esta sala em uma caixa revestida de material acústico.

— E eu não vou presumir que toda proposta sua seja uma tentativa de submeter o edifício à sua própria visão.

— Isso parece um progresso.

— Para o segundo dia de trabalho em conjunto, até que é bastante bom.

Voltamos ao palco. Kazimierz desenrolou um desenho maior e apontou para uma área marcada com lápis

vermelho. Era uma região do lado direito da plateia, aproximadamente na altura da oitava fileira. Ao lado havia um número e uma pequena anotação que eu não conseguia ler da posição em que estava.

— O que temos aqui? — perguntei.

Por um instante, ele manteve o dedo sobre a marcação.

— Uma área que precisa de uma verificação adicional.

— Por causa das reflexões?

— Entre outras coisas.

— Já temos os resultados?

— Parcialmente. Não quero tirar conclusões antes de concluir as medições.

Não soou como uma recusa. Parecia mais um limite estabelecido conscientemente. Eu não pretendia insistir, embora tivesse memorizado a localização no desenho. Se íamos trabalhar juntos, precisava saber exatamente onde estávamos pisando. Ao mesmo tempo, não queria exigir dele uma resposta que nem ele próprio considerava definitiva.

— Tudo bem — disse. — Mas, se essa área afetar a disposição do conjunto, preciso saber antes de aprovarmos a planta.

— Naturalmente.

Ele fez uma anotação na margem. Percebi que, a cada mudança de posicionamento, registrava não apenas os valores, mas também o motivo pelo qual havíamos introduzido aquela alteração. Isso era mais importante do que poderia parecer. No trabalho com músicos, eu frequentemente encontrava pessoas capazes de dizer que alguma coisa não funcionava, mas incapazes de explicar o

motivo. Kazimierz, pelo menos, tentava separar a observação da interpretação.

Na medição seguinte, pedi que invertêssemos a ordem. Queria verificar primeiro a posição do piano e só depois distribuir as cordas. Kazimierz protestou inicialmente, pois acreditava que os resultados seriam mais difíceis de comparar. Propus que registrássemos separadamente as condições de cada teste. Não precisei convencê-lo por muito tempo.

— Você gosta de ter controle sobre o andamento do trabalho — observou enquanto deslocávamos um dos tripés.

— Gosto de saber por que estamos fazendo alguma coisa.

— Nem sempre é a mesma coisa.

— E você gosta de separar essas duas coisas?

— Profissionalmente, preciso.

— E na vida pessoal?

Ele me olhou com um interesse evidente.

— Na vida pessoal, tento me lembrar de que nem toda conversa é uma medição.

Não respondi imediatamente. Foi o primeiro momento daquele dia em que a conversa deixou de girar em torno da sala. Não o suficiente para chamá-la de pessoal, mas o bastante para que eu percebesse uma mudança no tom. Voltei-me para o piano e pedi outro teste.

Antes do meio-dia, já tínhamos alguns resultados úteis. Nenhum deles resolvia o problema por completo, mas nos permitia descartar duas possibilidades e identificar uma terceira que valia a pena desenvolver. Kazimierz resumiu as medições, enquanto eu fazia as correções na planta.

Concordamos que não aprovaríamos a disposição definitiva antes de testá-la com a formação real do conjunto. Isso significava organizar um ensaio adicional, mas era um preço que eu estava disposta a pagar.

— Na sexta-feira? — perguntei.

— Se conseguirmos deixar o palco preparado.

— Preciso de uma confirmação até o fim do dia.

— Você terá.

Fechei a pasta. Kazimierz guardou os equipamentos na maleta e voltou a olhar para o desenho. Por um instante, pareceu distraído, como se alguma coisa nos resultados não correspondesse às suas suposições anteriores. Quando percebeu que eu o observava, dobrou a folha e a colocou dentro do rolo.

— Algum problema? — perguntei.

— Preciso comparar os resultados de hoje com as medições anteriores.

— Posso ver o conjunto de dados?

— Quando estiver completo.

Aceitei a resposta, embora não tivesse ficado inteiramente satisfeita.

— Só peço que se lembre de que não podemos tomar decisões com base em dados que nenhum de nós conhece por completo.

— Eu me lembro.

Saímos do palco quase ao mesmo tempo. Junto à porta, Kazimierz parou para me deixar passar primeiro. Não era um gesto que exigisse comentário, mas eu o notei. Assim como percebi que ele não tentou encerrar nossa conversa com um

aperto de mão profissional ou uma promessa de que tudo ficaria bem.

— Até sexta-feira, senhora Ludwika.

— Até sexta-feira, senhor Kazimierz.

Quando cheguei ao corredor, peguei o celular e conferi a mensagem do maestro. Ele havia confirmado a formação do conjunto e o horário do ensaio. Respondi que a sala deveria estar pronta, mas não lhe prometi mais nada.

Atrás da porta, ouvi Kazimierz abrir novamente a maleta. Em seguida, houve um breve som do equipamento e silêncio. Por um momento, tive vontade de voltar e perguntar o que exatamente ele estava comparando com as medições anteriores. Não fiz isso. Tínhamos um plano combinado, e eu não queria começar nossa colaboração ultrapassando os limites de outra pessoa.

Ainda assim, enquanto descia as escadas, meus pensamentos não estavam concentrados apenas na acústica. Kazimierz Las não era um homem que cedesse facilmente, mas também não tentava provar seu valor por meio da dominação. Sabia ouvir e depois responder com algo mais do que um simples aceno educado. Havia alguma coisa nisso que me atraía, embora eu ainda não pretendesse dar um nome ao sentimento.

Por enquanto, tinha um trabalho a fazer. E um homem com quem precisava aprender a realizá-lo sem perder minha própria voz nem minha paciência.

Capítulo 2 - As Regras da Proximidade

A mensagem de Kazimierz chegou no dia seguinte, às dez e dezessete.

"A sessão de ensaio de sexta-feira será possível. O palco estará disponível a partir das quatorze horas. No entanto, precisamos estabelecer a ordem das atividades e o alcance das alterações que podemos testar sem interferir na estrutura."

Li a mensagem duas vezes. Não porque fosse particularmente complicada, mas porque esperava uma confirmação breve, e não mais uma lista de condições. Respondi que poderia encontrá-lo à tarde para discutirmos os detalhes. Acrescentei que gostaria de conversar não apenas sobre a disposição dos instrumentos, mas também sobre quem teria a palavra final nas decisões relativas ao palco.

A resposta chegou alguns minutos depois.

"Proponho um café fora da sala. Será mais fácil conversar sem o barulho da reforma."

Por alguns instantes, fiquei com o telefone na mão. O convite era profissional, mas a maneira como havia sido formulado deixava uma pequena margem para interpretações. Não pretendia preenchê-la além do necessário. Aceitei o encontro às dezessete horas, em uma cafeteria perto da Praça Litewski.

Ainda tinha algumas horas de trabalho pela frente. Revisei as partituras, telefonei para o maestro e corrigi a programação dos ensaios. Depois fui até meu apartamento para deixar a pasta com os materiais de que não precisaria

durante a reunião. Antes de sair, fiquei alguns instantes diante do espelho, pensando se deveria trocar de camisa. No fim, não troquei. Não estava indo a um encontro romântico. Estava indo negociar as condições de uma colaboração com um homem que tinha o hábito de fazer perguntas às quais eu nem sempre queria responder.

A cafeteria era pequena, com janelas altas e mesas posicionadas a uma distância suficiente para que as pessoas pudessem conversar sem precisar elevar a voz. Escolhi um lugar junto à parede, de onde conseguia ver a entrada. Pedi um chá e tirei meu caderno da bolsa. Kazimierz apareceu alguns minutos depois das cinco. Usava um blazer azul-marinho sobre uma camisa clara. Já não parecia alguém que passava metade do dia em uma obra, embora suas mãos ainda apresentassem pequenas marcas do trabalho.

— Espero não estar atrapalhando — disse.

— Foi você quem sugeriu o encontro.

— Nesse caso, espero que não esteja arrependida de ter aceitado o convite.

— Ainda não tomei uma decisão.

Ele se sentou à minha frente.

— Entendo. Vou precisar aproveitar muito bem os primeiros cinco minutos.

Pediu um café preto, sem açúcar. Quando o garçom se afastou, tirou alguns papéis da bolsa e os colocou sobre a mesa. Dessa vez, não eram plantas da sala inteira, mas um resumo das possíveis disposições, acompanhado de observações sobre as limitações técnicas.

— Preparei uma proposta — começou. — Gostaria que estabelecêssemos algumas regras antes de começarmos a modificar qualquer coisa com base em testes isolados.

— Estou ouvindo.

— Primeiro, nenhuma das partes aprova sozinha alterações que afetem o trabalho da outra. Segundo, todas as configurações devem ser testadas em condições tão próximas quanto possível das reais. Terceiro, se surgir um problema estrutural, não tentaremos resolvê-lo transferindo a responsabilidade para outra pessoa.

— Essa última condição parece baseada em alguma experiência.

— Infelizmente.

Não pedi explicações. Em vez disso, li o documento. Era objetivo, mas faltava alguma coisa.

— Não há nada aqui sobre a responsabilidade pela disposição final do palco.

— Porque não queria incluir algo que ainda precisamos negociar.

— Então vamos negociar. Você é responsável pela segurança, pela acústica e pelas possibilidades técnicas do edifício. Eu sou responsável pela disposição dos músicos, pela clareza das partes e pelas condições de trabalho dos intérpretes. Nenhuma das partes pode modificar a área de responsabilidade da outra sem uma consulta prévia.

— Concordo.

— E mais uma coisa. Não quero que minhas propostas sejam tratadas como um complemento decorativo de um projeto técnico já pronto.

Kazimierz apoiou os antebraços sobre a mesa.

— Não foi para decorar o palco que você foi convidada.

— Já encontrei pessoas que pensavam diferente.

— Não sou responsável por elas.

Disse aquilo sem qualquer ênfase exagerada. Não tentou me convencer de que seria melhor do que os profissionais anteriores. Foi justamente isso que me fez, pela primeira vez desde o início do encontro, colocar a caneta sobre a mesa.

— Certo — disse. — Nesse caso, também preciso ter acesso aos resultados das medições em que você baseia suas decisões.

— Claro. Vou disponibilizar os relatórios referentes às diferentes configurações.

— Todos?

Por uma fração de segundo, seu olhar se deslocou para os papéis.

— Todos os que forem relevantes para o nosso trabalho.

Não gostei daquela expressão. Relevância era uma categoria que poderia ser facilmente utilizada para deixar de fora dados inconvenientes.

— Prefiro avaliar pessoalmente o que é relevante para a minha parte do projeto.

— É razoável. Vou preparar os dados em um formato que permita acompanhar os resultados, e não apenas consultar as conclusões.

Aceitei a resposta. Não era perfeita, mas continha uma promessa que poderia ser verificada mais tarde.

Passamos ao cronograma. Kazimierz explicou que alguns elementos da sala seriam isolados antes da próxima etapa da obra. Por isso, o ensaio de sexta-feira precisaria fornecer

dados suficientes para escolhermos duas configurações que seriam submetidas a novas verificações. Eu não queria tomar decisões sob pressão de prazo, mas compreendia que a reforma não poderia esperar até que eu estivesse completamente satisfeita.

— Preciso de pelo menos dois ensaios com o conjunto — disse. — Um com a disposição inicial e outro depois dos ajustes. Caso contrário, estaremos comparando possibilidades teóricas com uma execução real.

— Dois ensaios significam tempo adicional para a equipe.

— Eu sei. Posso organizar os músicos em blocos mais curtos.

— Não quero que a economia de tempo comprometa a qualidade do teste.

— E eu não quero que desistamos de testar alguma coisa só porque é difícil encaixá-la no cronograma.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, examinando as anotações.

— Um ensaio na sexta-feira e outro na semana seguinte. Se até lá tivermos dados suficientes, prepararemos as duas configurações.

— E se não tivermos?

— Então não vamos fingir que temos uma resposta.

Gostei daquela frase mais do que gostaria de admitir. Ele não me prometia uma solução fácil. Reconhecia que havia coisas que ainda não sabia.

— Certo — disse. — Mas quero que nós dois estejamos presentes durante os ensaios.

— Não pretendia delegar isso a outra pessoa.